

**Empreendedorismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Alcântil,
na Paraíba: a lógica do capital no trabalho docente**

**Entrepreneurship in public education in Paraíba: the reproduction
of the logic of capital in teaching work**

Genilson José Silva¹

Valdinélia Virgulino de Souza Silva²

Maria das Graças de Almeida Baptista³

Resumo:

Este artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida no ÁGORA, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia e Psicologia da Educação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O presente estudo tem o objetivo de analisar concepções docentes sobre o ensino de empreendedorismo na educação pública, no município de Alcântil (Paraíba), localizado no nordeste do Brasil. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, ancorado nos pressupostos metodológicos do materialismo histórico-dialético, visando compreender as categorias, reprodução e concepção docente, em seu percurso histórico e inter-relacionado ao processo educacional. Nas considerações finais, pontuamos que as docentes supervalorizam o ensino de empreendedorismo devido à flexibilidade interdisciplinar, ao imediatismo e aos resultados alcançados por meio da metodologia da educação empreendedora. No entanto, essa perspectiva reproduz, de forma não consciente, uma concepção e, conseqüentemente, uma prática pedagógica mercantilista que desenvolve conteúdos de ensino e cria estratégias de aprendizagem relacionadas a atividade de comércio e mercado de consumo.

Palavras-chave: Ensino de empreendedorismo; Educação empreendedora; Concepção docente.

Abstract:

This article is the result of research carried out at ÁGORA, the Philosophy and Psychology of Education Study and Research Group at the Federal University of Paraíba (UFPB). This study aims to analyze teachers' conceptions of teaching entrepreneurship in public education in the city of Alcântil, in the state of Paraíba, located in northeastern Brazil. This article is a qualitative study, and it is anchored in the methodological assumptions of historical-dialectical materialism, aimed at understanding the categories of teacher reproduction and conception, in their historical journey and interrelated to the educational process. In the final considerations, we point out that the teachers overvalue the teaching of entrepreneurship due to its interdisciplinary flexibility, immediacy and the results achieved through the methodology of entrepreneurial education. However, this perspective non-consciously reproduces a conception and, consequently, a mercantilist pedagogical practice that develops teaching content and creates learning strategies related to commercial activity and the consumer market.

Keywords: Entrepreneurship education; Entrepreneurial education; Teaching conception.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), UFPB, com bolsa de pesquisa financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ). Mestre e especialista em educação pela UFPB. Graduado em Pedagogia pela UFPB.

² Doutoranda em educação pelo PPGE-UFPB, mestre em educação, pós-graduação lato sensu em educação e graduada em pedagogia pela UFPB. Atua como pesquisadora na área de Filosofia, Ensino e Aprendizagem, Formação Docente, Avaliação da Aprendizagem e Educação Infantil. Pesquisadora do Grupo ÁGORA/UFPB.

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFPB) na Linha de Pesquisa Processos de Ensino-Aprendizagem e do Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação (UFPB) na área de Psicologia da Educação. Orientadora de Projetos PIBIC e PROLICEN acerca do tema a relação teoria e prática. Desenvolve pesquisas sobre Formação de professores, Teorias da Educação e Práxis educacional. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia e Psicologia da Educação - ÁGORA.

Introdução

O ensino de empreendedorismo na Paraíba amplia-se no currículo escolar da educação básica, a partir dos anos 2000. Contudo, seus fundamentos teóricos têm origem na economia e na sociologia clássica dos séculos XVII e XVIII, com destaque para as definições de base econômica de Richard Cantillon (2002), Jean Baptiste Say (1983), Max Weber (1983) e Joseph Schumpeter (1961, 1964, 1982).

A partir dos pressupostos da sociologia e da economia clássica, o empreendedorismo estrutura-se na contemporaneidade em duas perspectivas: como caminho alternativo para os indivíduos criarem possibilidades de subsistência frente a crises econômicas do capitalismo, e, nesta acepção, o processo de formação e o de escolarização legitimam o argumento de que o empreendedorismo é a alternativa “salvaguarda” do sistema econômico. A segunda compreensão baseia-se no incentivo de abertura de empreendimentos, venda de produtos e serviços, cuja ideologia endossada pelo neoliberalismo defende o argumento de que a formalização de novos empreendedores gera mais rentabilidade, empregos e produtividade econômica.

As duas perspectivas perpassam diversas áreas das ciências humanas e sociais no Brasil e foram impulsionadas para a educação por meio de incentivos promovidos pelo “Sistema S”⁴, cujas ações se propagam seguindo uma tendência global moderna, ou seja, de valorização do processo de formação e escolarização de indivíduos vinculadas ao setor produtivo (indústria, comércio, agricultura, transportes e cooperativas), com ênfase na empregabilidade e na formação técnica profissionalizante.

O empreendedorismo constitui-se no âmbito das relações sociais, partilhando preceitos de funcionamento do modo de produção capitalista. Sua base conceitual reforça um modelo de formação humana centrado na individualidade, adaptação e responsabilização do indivíduo pela criação de um projeto de vida bem-sucedido.

No âmbito da educação pública, o empreendedorismo concebe a escola como uma organização social que deve buscar resultados imediatos na formação de indivíduos e que o processo de ensino-aprendizagem “tem como finalidade moldar os educandos conforme o perfil e filosofia das empresas”, [...] assim como garantir uma “formação escolar alicerçada em competências profissionais” (Wolf, 2014, p. 50).

⁴ Nome convencionado a um conjunto de nove instituições vinculadas à educação, entre elas, destaca-se o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

As iniciativas empresariais promovidas pelo empreendedorismo no processo de ensino e aprendizagem modulam os indivíduos a uma formação alinhada com o progresso econômico, fato que os leva a arriscarem a abertura de pequenos negócios e de se lançarem no mercado de trabalho competitivo, buscando alternativas, mesmo diante de insegurança e de pouca afinidade com o ramo de atuação, o que é direcionado ao fracasso em algumas circunstâncias.

No contexto educacional brasileiro, o empreendedorismo está associado à inovação tecnológica e à criação de negócios, particularmente após os anos 2000, com a publicação do livro *Sociedade da informação no Brasil*, publicado em parceria entre os Ministérios da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e o Ministério da Educação (MEC), sob a coordenação de Tadao Takahashi. Essa obra lançou os primeiros incentivos à gestão de negócios por meio do desenvolvimento de habilidades vinculadas à prática de ensino.

Nesse período, outras iniciativas no campo acadêmico e da economia de mercado ganharam visibilidade com a entrada do Brasil no projeto *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM⁵) firmado mediante o consórcio de países colaboradores para o aperfeiçoamento dos métodos, conteúdos, monitoramento, análise e propagação do empreendedorismo no mundo. Atualmente, o GEM envolve mais de 100 países que cooperam para a propagação do empreendedorismo. No caso do GEM-Brasil, as principais instituições responsáveis pela coordenação são o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e o SEBRAE (GEM-Brasil, 2018).

Partindo desses pressupostos, o objetivo da pesquisa consiste em analisar concepções docentes sobre o ensino de empreendedorismo nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de educação de Alcântara, Paraíba.

Em relação ao método da pesquisa, trata-se de um estudo de natureza qualitativa, ancorado nos pressupostos metodológicos do materialismo histórico-dialético, pautado na compreensão das categorias reprodução e concepção docente, em seu percurso histórico, inter-relacionado e determinado pelas relações econômicas, políticas e culturais. Considerando esse enfoque, Triviños (1987, p. 51) define que o materialismo dialético é uma “concepção científica da realidade [...] que tenta explicar a lógica racional dos fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento, enriquecida pela prática social da humanidade”.

Sobre o método de análise, adotamos o enfoque crítico-dialético de Gamboa (2012, p. 89), que pressupõe a compreensão do fenômeno (ensino de empreendedorismo) em seu “devir

⁵ O GEM iniciou-se no ano de 1999, a partir de uma parceria de pesquisa acadêmica conduzida pela London Business School (Inglaterra) e Babson College (Estados Unidos). Nessa parceria, 10 países foram inclusos e atualmente somam mais de 100 países participantes comprometidos com o empreendedorismo.

histórico e inter-relacionado” à prática educacional, destacando o “contexto histórico, contradições e potencialidades de mudança”. Esse enfoque “questiona criticamente os determinantes econômicos, sociais e históricos” da prática educativa, particularmente, as categorias reprodução e concepção docente.

A pesquisa teve, como instrumentos de coleta das informações, entrevista oral semiestruturada desenvolvida com cinco professoras efetivas que ministram aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em cinco escolas da rede pública municipal de Alcantil, Paraíba. Os critérios de seleção e inclusão seguiram os seguintes aspectos: ter participado do processo de formação em educação empreendedora e ministrar aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental entre o 1º e o 5º ano, conforme distribuímos no Quadro 1.

QUADRO 1 – Distribuição das docentes entrevistadas por temática

Docentes*	Ano escolar	Temáticas da formação em educação empreendedora	Idade [experiência]	Formação
D - I	1º	O Mundo das ervas aromáticas	49 [20]	Psicopedagogia
D - II	2º	Temperos naturais	48 [20]	Pedagogia
D - III	3º	Oficina de brinquedos ecológicos	37 [14]	Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia
D - IV	4º	Locadora de produtos	38 [20]	História, Pedagogia
D - V	5º	Sabores e cores	46 [22]	Pedagogia

Legenda: * Todos do sexo feminino.

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 1, as docentes estão divididas de acordo com as temáticas e os anos escolares em que ministram aulas ao longo do tempo no magistério. De acordo com essa organização, cada docente elabora suas aulas conforme a temática definida para o seu ano escolar. No tocante à formação e à experiência das docentes, percebemos que a maioria possui licenciatura em Pedagogia, e apenas uma é graduada em Psicopedagogia. Têm acima de 35 anos de idade e mais de 17 anos de experiência com a educação pública, especialmente o Ensino Fundamental.

Quanto às questões éticas da pesquisa, as docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme registro e aprovação do Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba, sob número 66723517.9.0000.5188.

A investigação desse fenômeno suscitou debates acerca dos fundamentos teóricos e práticos que substanciam o empreendedorismo, tendo em vista como esse modelo de gestão empresarial está sendo reproduzido e adaptado às metodologias de ensino pautadas no desempenho de aptidões produtivistas.

1. O empreendedorismo como modelo de gestão empresarial no processo de ensino e aprendizagem

A reestruturação produtiva no Brasil expandiu-se nos meios de produção e nas relações de trabalho na década de 1970. Nesse contexto, a sistematização técnica, científica e informacional e a flexibilização da função estatal consolidaram-se sob orientações neoliberais, cujos contornos modificaram a relação capital e trabalho. Em países periféricos capitalistas, com destaque para o Brasil, as consequências para a classe trabalhadora consistiram no distanciamento da divisão social do trabalho, “os trabalhadores mais escolarizados, dos quais se exige maior participação e polivalência, [...] e os trabalhadores contratados temporariamente ou por tempo parcial, os chamados subcontratados como “terceiros”, vinculados à economia informal” (Pinto, 2007, p. 41).

A partir desse desdobramento, o empreendedorismo, no contexto das relações empresariais e na educação, endossa a ideologia da geração de emprego, desenvolvimento da economia e a formação de “empreendedores”, ou seja, “colaboradores” empenhados e proativos para ingressarem no mercado de trabalho, ainda que em condições adversas, prontos para impulsionar a produtividade, seja em uma relação de compra e venda de produtos, seja em uma relação à negociação da própria força de trabalho.

Observa-se que o empreendedorismo absorveu preceitos da organização do trabalho e da racionalidade técnica, desenvolvidas no modelo de produção do taylorismo e do fordismo, assim como foi adaptado a novas estratégias do regime de acumulação flexível do capital. Fato é que, nesse percurso, ocorreram mudanças na relação entre a formação de sujeitos e o mercado de trabalho, acompanhando a lógica de funcionamento capitalista, como mecanismo para amenizar a desigualdade estrutural no mercado e reforçar a política neoliberal, o que previa a “redução do desemprego, a dinamização dos mercados, a redução dos encargos patronais pela flexibilização trabalhista e a formação profissional permanente” (Gentili, 2005, p. 52).

Os desdobramentos do empreendedorismo, como uma tendência na educação básica e superior, ampliam-se sob os ditames do modo de produção capitalista e da ideologia neoliberal.

Essa tendência promoveu a execução compartilhada de serviços entre entidades públicas e privadas, pactuadas por “instrumentos de cooperação”, para a formação de indivíduos alicerçados na inovação e na aquisição de conhecimentos e habilidades “imediatistas”.

Nessa perspectiva, os sistemas públicos de educação, de forma acrítica, possibilitam o acesso do empreendedorismo às redes escolares por meio de parcerias público-privadas que asseveravam “qualificar” o processo educacional e a formação de indivíduos para gerirem negócios e alcançarem aptidões vocacionadas em determinadas funções, mediante a aquisição, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, de um conjunto de hábitos e comportamentos. O objetivo pactuado nas parcerias pressupunha que o processo educacional “formaria” um empreendedor com um conjunto de habilidades conceituais, tais como: autonomia, cooperação, trabalho em equipe e motivação. Contudo, tais habilidades dependeriam do talento e da propensão de cada indivíduo. Curioso que os sistemas públicos de educação, quando aderem a essa lógica, demonstram que o empreendedorismo está diretamente vinculado às camadas mais precarizadas da sociedade brasileira, que são as que adentram os sistemas públicos de ensino.

Em relação à inserção dos aspectos didáticos e metodológicos do ensino de empreendedorismo na educação pública, destaca-se o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que, tanto na Paraíba como em nível nacional, mantém, desde 2013, o Programa Nacional de Educação Empreendedora (PNEE), articulado em forma de parceria com as secretarias de educação pública e, no ensino superior, por meio de editais, como esquematizado no Quadro 2.

Quadro 2 – Plano Nacional de Educação Empreendedora (PNEE)

Projetos/proposta	Etapa/nível Educacional	Série/curso	Temática	Tempo horas/aula	
				Discentes	Formação docente
Jovens Empreendedores Primeiros Passos – JEPP	Ensino Fundamental	1º	O Mundo das ervas aromáticas	20-30	40
		2º	Temperos naturais	20-30	40
		3º	Oficina de brinquedos ecológicos	20-30	40
		4º	Locadora de produtos	20-30	40
		5º	Sabores e cores	20-30	40
		6º	Eco papelaria	20-30	40
		7º	Artesanato sustentável	20-30	40
		8º	Empreendedorismo social	20-30	40
		9º	Novas ideias, grandes negócios	20-30	40

Formação Jovens Empreendedores – FJE	Ensino Médio	1º, 2º e 3º	Disciplina empreendedorismo	60	40
Despertar	Ensino Médio	1º, 2º e 3º	Disciplina empreendedorismo	80	40
Crescendo e Empreendendo	Ensino Médio	1º, 2º e 3º	Disciplina empreendedorismo	12	16
Pronatec empreendedor	Educação profissional	Cursos técnicos e profissionalizantes	Disciplina empreendedorismo	24-52	32 EAD*
Disciplina de Empreendedorismo	Ensino Superior	Graduações	Disciplina empreendedorismo	60	24
Empreendedorismo em dois Tempos	Ensino Superior	Graduações	Palestras	2	2
Desafio Universitário Empreendedor	Ensino Superior	Graduações	Competição Nacional	Relativa	Relativa
Empreendedorismo Social e negócios de impacto social	Ensino Superior	Graduações	Extensão universitária	160	24

Legenda: *EAD (Ensino a Distância).

Fonte: Adaptado do *site*: www.pnee.sebrae.com.br.

Com base no Quadro 2, identifica-se que a proposta de ensino de empreendedorismo, para a educação básica e superior, é composta por um conjunto de conteúdos específicos que podem ser desenvolvidos em atividades pedagógicas presenciais e a distância, em cada ano ou disciplina escolar, e compreendem entre 20 e 30 horas-aula de atividades com alunos e alunas no processo de ensino-aprendizagem.

Para o Ensino Médio, a nomenclatura “atividades” é ampliada e substituída por conteúdos de ensino nas disciplinas denominadas “Empreendedorismo”. Nessa etapa da educação, o projeto divide-se em três versões com temáticas diferenciadas que compreendem de 12 a 80 horas de aulas para cada ano escolar.

Para a Educação Profissional e os Cursos Técnicos Profissionalizantes, o ensino de empreendedorismo desdobra-se em disciplina escolar, no entanto, são ofertadas na modalidade a distância e compreendem entre 24 e 52 horas-aula de atividades pedagógicas.

Para a Educação Superior, o ensino de empreendedorismo desdobra-se em disciplinas acadêmicas com carga horária de 60 horas. Há atividades complementares, como palestras, com duas horas de duração; competições nacionais por meios de jogos *on-line* que simulam mecanismos funcionais de uma empresa; bate-papos acerca de negócios e atividades individualizadas ou em equipes, de forma que, ao final, professores e alunos concorrem à premiação. Há ainda a extensão universitária, cuja carga horária compreende cerca de 160 horas.

Em relação à formação docente, as atividades formativas dividem-se em presenciais e semipresenciais, sendo 40 horas-aula para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio; 32 horas-aula na Educação Profissional, inclusive, na modalidade a distância, e, na Educação Superior, a carga horária é reduzida para 24 horas-aula. Com isso, observa-se que o PNEE abrange dimensões relevantes do processo educacional da educação básica e superior e conteúdos de ensino e formação de docentes para atuarem na articulação das atividades pedagógicas.

Por sua vez, o PNEE articula conteúdos relacionados ao tema do empreendedorismo para os currículos dos diferentes níveis da educação básica e superior. Nesse Programa, após firmado acordo com as secretarias de educação, as escolas públicas recebem gratuitamente o material didático, e os professores são capacitados para desenvolver as atividades e conduzir as metodologias de ensino em sala de aula.

O Programa dispõe de um conjunto de projetos e subprojetos para cada nível e modalidade de educação. Sua abrangência, apenas nos anos de 2014 a 2016, segundo informações do SEBRAE, contemplou atividades com 2.408.302 estudantes e 51.919 professores e firmou parcerias com cerca de 3.000 instituições de ensino distribuídas no território brasileiro. Esses dados, atualizados para 2022, já somam 120 mil professores que receberam capacitação e parceria com mais de 6 mil instituições em todo o Brasil (Sebrae, 2022).

Segundo Wolf (2015, p.51), o empreendedorismo possui dois esteios elementares à reprodução do capital. O primeiro, definido como a “pedagogia empresarial”, aplica as doutrinas e princípios de funcionamento do modo de produção capitalista para a educação, fundamenta-se na ideologia neoliberal para legitimar o “conformismo social” e concebe a escola como uma instituição que deve buscar resultados por meio do processo de ensino, tendo em vista as necessidades de uma mão de obra compatível com o mercado; “dada a preocupação com a formação de uma mão de obra afinada aos moldes da acumulação capitalista é que esta pedagogia vai encontrar acolhimento no interior de empresas, indústrias e demais organizações”.

O segundo esteio, definido como a “pedagogia empreendedora”, fundamenta-se na formação de indivíduos responsáveis pelo seu destino no âmbito do trabalho, pois possui um amplo alcance ideológico no contexto da escolarização, estimula a formação de sujeitos para serem empresários de si durante o processo de escolarização e exalta o espírito empreendedor: criatividade, domínio de técnicas, autoconfiança e alcance de um determinado projeto de vida.

A análise elaborada por Wolf retrata uma interpretação semelhante aos conceitos atribuídos aos quatro pilares para a educação no século XXI, os quais serviram de base para o relatório publicado pela UNESCO, em 2006, que ficou conhecido como Relatório Jacques Delors. Neste documento, destaca-se que a educação empreendedora constitui uma prática de ensino inovadora e busca desenvolver a formação de atitudes comportamentais e habilidades pautadas no ‘aprender a fazer’. O relatório faz uma crítica aos sistemas de ensino que, segundo os autores, não respondem mais às mudanças implicadas pelo mundo moderno e suas tecnologias da informação e comunicação, assim como as novas formas de trabalho que exigem um indivíduo autônomo e dotado de múltiplas competências (Delors, 2006, p. 93).

Wolf complementa que a pedagogia empresarial e a pedagogia empreendedora reforçam o paradigma de organização social capitalista nos aspectos da flexibilidade, adaptação ao ambiente, responsabilização individual e “autocensura” pelo fracasso pessoal. Isto porque, perante os requisitos atribuídos aos indivíduos na relação entre a formação escolar e as relações de trabalho, impõem-se padrões de comportamentos técnicos e laborais que constituem a tendência de um mercado globalizado, em que o trabalhador deve subsistir por si, ou seja, realizar um trabalho autônomo, individualizado, fundado em contratos temporários e relações provisórias que não acarretem vínculos empregatícios, contudo, que gerem riqueza para o capital.

A análise de Laval (2019) dialoga com a interpretação elaborada por Wolf, particularmente ao tratar o conceito de capital humano. Para esse autor, os sistemas educacionais alinharam-se às transformações globais desenhadas por “um novo mundo neoliberal”, cujas mudanças generalizaram a concorrência não só no campo das economias, mas também em todas as sociedades e setores da sociedade. A lógica de articulação que perpassa os sistemas nacionais de educação está movida pelas injunções dos organismos financeiros e econômicos que receberam legitimidade para definir as políticas públicas.

[...] o novo modelo escolar e educacional que tende a se impor se baseia, em primeiro lugar, em uma sujeição mais direta da escola à razão econômica. Está ligado a um economicismo aparentemente simplista, cujo principal axioma é que as instituições em geral e a escola em particular só têm sentido com base no serviço que devem prestar às empresas e à economia (Laval, 2019, p. 29).

Observa-se, ainda, que o empreendedorismo na educação é uma temática pouco discutida e investigada de um ponto de vista epistemológico, necessitando de questionamentos quanto às suas bases teóricas, posto que exerce a função de uma prática em ação e a serviço da

classe hegemônica, legitimando a ideologia neoliberal por meio do processo de formação de futuros “empresários” para um mercado produtivista, gerenciado por algoritmos que determinam microtarefas de curta duração agregadas a plataformas digitais.

Na década de 1990, a obra de Takahashi concebe o empreendedorismo como a “pedra de toque” para a inovação e o desenvolvimento do capital intelectual. Para o autor, as pessoas vivem na sociedade da informação, e o cenário econômico converte o conhecimento em vantagens competitivas e diferenciadas. Assim, os setores público e privado precisariam difundir o empreendedorismo nos currículos da educação básica, com adoção de “[...] medidas visando à difusão da cultura do empreendedorismo no país, incluindo disciplinas em currículos dos cursos técnicos e de Ensino Médio e Fundamental que permitam aos alunos aprenderem fundamentos sobre a criação e gestão de negócios” (Takahashi, 2000, p. 28).

2. O ensino de empreendedorismo no município de Alcantil, na Paraíba

No Estado da Paraíba, o empreendedorismo vem ampliando-se na estrutura curricular escolar, desde 2014, por meio de parcerias com as instituições de ensino e as secretarias de educação. Na educação, o empreendedorismo abrange os anos iniciais do Ensino Fundamental, na forma de atividades interdisciplinares e projetos extracurriculares. Na fase final do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na Educação Superior, na forma de disciplina pedagógica/acadêmica denominada pelo próprio nome de empreendedorismo.

No caso do município de Alcantil, em 2016, a Secretaria de Educação firmou parceria com o Sebrae-PB. Neste acordo, os docentes receberam formação em educação empreendedora para desenvolver o empreendedorismo na prática docente. O objetivo do projeto fomentou a cultura empreendedora por meio de estratégias metodológicas no processo de ensino e aprendizagem, justificando que essa proposta constituiria uma alternativa inovadora, capaz de estimular competências de aprendizagem vinculadas aos setores de negócios e de trabalho.

Em 2018, o município de Alcantil tinha um total de oito escolas públicas de Ensino Fundamental, anos iniciais, distribuídas nas zonas urbana e rural. Essas escolas contabilizaram 1.085 alunos(as) matriculados(as) e 21 docentes que participaram do Programa de Formação em Educação Empreendedora. Cinco docentes participaram da pesquisa, respondendo a um questionário semiestruturado.

Após a formação no Programa de Educação Empreendedora, com uma carga horária de 45 horas, as docentes foram incumbidas, por meio da secretaria de educação, de elaborar suas

aulas e desenvolver atividades interdisciplinares em sala de aula, conforme as temáticas propostas no caderno de formação fornecido pelo Programa. Estas atividades contemplaram temáticas nas áreas de culinária, agricultura familiar, tecnologias e brinquedos e tiveram um caráter transdisciplinar, desenvolvidas em três meses, compondo duas aulas semanais, correspondendo a uma carga horária entre 20 e 30 horas-aula, preparadas sob orientações metodológicas da educação empreendedora.

Nesse caso, o Sebrae-PB elaborou e reproduziu o material didático; os cadernos de formação e as apostilas fornecidas para os(as) alunos(as), de acordo com a quantidade de docentes e discentes envolvidos no projeto. Quanto aos recursos pedagógicos para manuseio, a Secretaria de Educação forneceu tintas, lápis, papel, cartolina, recipientes, álcool, algodão, etc. Já quanto à matéria-prima necessária para a execução do projeto, os pais ou responsáveis pelos discentes doaram objetos, brinquedos, jogos e utensílios domésticos, de acordo com as requisições estipuladas para cada ano escolar.

As temáticas desenvolvidas nas atividades pedagógicas focaram na simulação de uma empresa com suas ferramentas funcionais, tais como: tabela de preços com custo de compra e venda dos produtos; propaganda por meio de convites; divulgação em cartazes; pesquisa de satisfação; nomes fictícios de lojas, etc. A culminância desse projeto envolveu a mobilização de todas as escolas públicas da rede municipal e seus respectivos professores e alunos em uma feira de ciência denominada Feira do Empreendedor, em que os produtos são expostos e vendidos para os participantes do próprio projeto, como os docentes e alunos, além dos pais e familiares residentes nas proximidades do município e que participaram como convidados. Os recursos financeiros obtidos na comercialização dos produtos são distribuídos entre os alunos e destinados aos eventos comemorativos promovidos na escola.

A partir do desenvolvimento desse Programa, o empreendedorismo foi incorporado temporariamente no currículo escolar, por um período de três meses, por meio de atividades interdisciplinares, que se dividem em cinco temáticas: ervas aromáticas, temperos naturais, brinquedos, produtos eletrônicos e sabores e cores. Essas temáticas são distintas dos conteúdos de ensino que compõem a estrutura curricular. Por outro lado, vale salientar que elas se afastam das principais atividades de trabalho que constituem a realidade local, concentradas na agricultura, no artesanato de corte e costura e na fabricação de vestuário.

Com base nessa sistematização, observa-se que esse conjunto de ações volta-se a um sistema de rentabilidade que descaracteriza o trabalho pedagógico, na medida em que os docentes adaptam os seus planos de ensino para absorver temáticas inerentes à gestão

empresarial e concentram os seus esforços em atividades direcionadas à aquisição de determinadas habilidades constituintes de uma lógica competitiva desvinculada da prática social dos próprios docentes e discentes.

3. O ensino de empreendedorismo na concepção docente

Para compreendermos a concepção das docentes sobre o ensino de empreendedorismo em suas práticas, elegemos a categoria reprodução, a qual explica o desenrolar de um processo educacional centralizador, pautado tanto na institucionalização dos conhecimentos hegemônicos, necessários à reprodução do capital, como também na descaracterização de políticas públicas educacionais.

Em relação à concepção docente, compreendemos esse conceito como um “conjunto de vocábulos e expressões carregados de sentidos” em torno da história e da ação dos professores. E isso diz respeito, particularmente, ao caráter histórico de ser professor e conceber a realidade a partir de uma totalidade, cujas relações de existência foram definidas pela dinâmica entre a teoria e a prática (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016, p. 19).

A pesquisa compreende o período em que as professoras e os alunos trabalharam os conteúdos de empreendedorismo no processo de aprendizagem, seja como atividades interdisciplinares, seja como projetos extracurriculares. Assim, dividimos as docentes de acordo com as temáticas que desenvolveram com seus educandos em sala de aula.

No tocante à primeira temática, *O mundo das Ervas Aromáticas*, a professora sinaliza que recebeu orientação e material didático para trabalhar com a educação empreendedora no processo de ensino, e, a partir desse apoio, os alunos adquiriram novas experiências que despertaram algumas habilidades, relacionadas ao mundo dos negócios, ao planejamento individual, à organização e à qualidade dos produtos: “A gente recebe as orientações, foi dado material didático: um livro dedicado para cada série, para ser trabalhado durante o período do projeto, contendo conteúdos que nos ajudaram na prática” (D-I).

Conforme a docente, as orientações e o material didático consistem na inclusão desta temática no planejamento de ensino, adaptação das aulas e elaboração de atividades pedagógicas.

Quanto à temática *Temperos Naturais*, observamos que os conteúdos complementam as atividades de ensino regular, de modo interdisciplinar, embora se diferenciem nos aspectos didáticos e conceituais, posto que, no caso do empreendedorismo, os objetivos da aprendizagem

estão voltados à criação e a modelos de negócios, visando despertar o interesse dos alunos, bem como a persistência e a coragem: “*Para mim não teve diferença no ensino, se complementaram porque tudo que traz enriquecimento ao aluno, a gente tenta ajudar para eles aprenderem na prática*”. E complementa: “*se quiser a pessoa consegue, tudo é força de vontade*” (D-II).

No que diz respeito à temática *Locadora de Produtos*, a docente aponta que, durante as atividades pedagógicas baseadas no caderno de formação, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver exercícios interdisciplinares que levaram em consideração a realidade local e as funções de trabalho de seus familiares: “*O livro que recebemos dá vários exemplos, a gente pode trabalhar Matemática, Português, História, direcionar os alunos onde pode ser investido numa fonte de renda, e eles sentem mais prazer, se sentem mais motivados, veem resultados mais rápidos*” (D-III).

A força de vontade, a persistência e o interesse, caracterizados pelas docentes no processo pedagógico, constituem os elementos-chave do empreendedorismo, denominados por Dolabella (2009) de “*motivadores do gatilho que disparam a ação*”, para a realização dos sonhos e das escolhas que os sujeitos fazem ao serem questionados em seu ambiente, na rua e nas escolas.

Na nossa sociedade, a criança não é estimulada a sonhar em nenhum ambiente: em casa, na escola ou na rua. Os motivadores são perguntas feitas com o objetivo de habituar a criança a conceber o futuro e buscar os meios para transformá-lo em realidade. As respostas às perguntas conduzem à formulação de metas claras e à mobilização de energia para a sua realização, exercitando capacidades como autonomia, determinação, persistência, capacidade de fazer escolhas permanentemente (Dolabella, 2009, p. 60).

No âmbito da temática *Oficina de Brinquedos Ecológicos*, a docente, ao descrever a relação teoria e prática no processo de ensino, destaca que a aprendizagem dos alunos não ficava só na teoria e ganhava significado quando eles desenvolviam os conteúdos na prática, relacionando-os às experiências que tiveram com os preços dos brinquedos e o dinheiro arrecadado com as vendas: “*Tudo que tem na teoria a gente coloca no lado prático, se a gente está trabalhando o sistema monetário, os alunos fazem a montagem de um mercadinho em sala de aula*”, *trazem rótulos, lista de feira, valores, eles aprendem os conteúdos na prática*” (D-IV).

Na temática *Sabores e Cores*, são reforçados os aspectos de vendas, exercitando características, valores de fabricação e de venda de produtos em um contexto “*sólido*”, “*real*” e com objetos “*de verdade*” vivenciados pelos alunos e pelos professores no processo de ensino, de forma que a prática não deve ocorrer apenas e necessariamente na sala de aula, mas se estender aos espaços domésticos e familiares da vida cotidiana. A educação empreendedora,

conforme sinaliza a professora, foi importante no processo de ensino-aprendizagem porque lhe ensinou a vender, ser empreendedora e desenvolver as atividades na prática junto com os alunos. Nas palavras dela, *“foi bom porque até eu mesmo nunca tinha vendido, sido empreendedora de verdade, aí aprendi mais um pouco na prática. Trabalhei o cotidiano dos alunos, eles mesmos vendiam, recebiam o troco, criaram autonomia”* (D-V).

Observa-se, nesses relatos, que a aprendizagem faz referência implicitamente ao quarto pilar para a educação no século XXI, o “aprender a fazer”, que está estreitamente ligado tanto à questão da formação profissional, como também às competências que compõem o ensino de empreendedorismo e que devem ser adquiridas pelos alunos, durante a escolarização e, em seguida, postas em prática de forma que os conhecimentos sejam materializados em atividades concretas, determinadas e rotineiras, como destaca Delors (2006, p. 20) sobre o “aprender a fazer”: “[...] além da aprendizagem de uma profissão, há que adquirir uma competência mais ampla, que prepare o indivíduo para enfrentar numerosas situações, muitas delas imprevisíveis”.

Nessa perspectiva, o ensino de empreendedorismo ocorre de modo inter-relacionado aos conteúdos da educação regular, sem aparentar contradições, posto que as dimensões teórico-práticas, no desenrolar das atividades pedagógicas, vão se ajustando e sendo justificadas. Os docentes assimilam os fundamentos do empreendedorismo e os exercitam na prática, reproduzem os conhecimentos que lhe são incumbidos, sem perceber as contradições que as constituem e os condicionantes econômicos e políticos que circundam essa temática.

A ênfase no lucro, na arrecadação de valores oriundos dos produtos e objetos confeccionados, apesar de serem reinvestidos em eventos na escola, instiga, a cada temática, a reprodução de determinadas habilidades em função de recompensas financeiras; a individualidade, a seletividade e o aprendizado que consiste em um processo de ensino desarticulado com a formação histórico-crítica, assim como a reproduz, sem que desenvolvam qualquer visão crítica acerca da atuação dos sujeitos na realidade em que atuam.

A esse respeito, Saviani (2008, p. 25) analisa que a função da educação escolar e, conseqüentemente, a prática docente, reproduz as relações de produção, reproduzindo, necessariamente, a dominação e a exploração pautada em um “caráter segregador de natureza seletiva [...] dividida em classes com interesses opostos”. Portanto, a escola sacrifica a história humana por meio do processo de escolarização e torna-se um instrumento da classe dominante, sem compromisso com a transformação social.

A educação escolar, voltada ao ensino do empreendedorismo na educação pública, pautada na reprodução acrítica dos conhecimentos e na formação de indivíduos para assegurar o *status quo*, fortalece o papel do Estado a serviço do capital e da cultura elitista. Assim como serve de ferramenta para instruir a massa popular, seguindo parâmetros estabelecidos pelas relações capitalistas em escala sempre crescente, na medida em que, como sinalizam Marx e Engels, essa lógica reprodutivista desenvolve os meios de produção e reproduz muito mais que uma determinada forma de atividade dos indivíduos, essa lógica é “simultaneamente o que produzem e como produzem dependendo das suas condições materiais” (Marx; Engels, 1996, P. 27).

A reprodução do processo educacional, segundo a lógica do empreendedorismo, fragmenta as necessidades humanas, não forma homens e mulheres em sua totalidade multilateral de sentidos e faculdades (omnilateralidade), uma vez que reflete o desenvolvimento das estruturas produtivas, assim como legitima os antagonismos na sociedade como um processo consensual e acrítico, tornando-os incapazes de captar “as relações de dominação [...] e as aspirações da classe dominante” (Cury, 1986, p. 59).

Em relação ao “aprender a fazer”, Duarte (2003, p. 5) defende que esse conceito constitui as chamadas “pedagogias das competências”, na medida em que a formação escolar passa de uma lógica de ensino para uma lógica de treinamento, em que as competências são adquiridas mediante os exercícios em situações complexas. Nesse sentido, as docentes, quando trabalham aspectos da teoria e, em seguida, da prática, reproduzem um modelo de aprendizagem imediatista, dado que a dinâmica das atividades não se estende em longo prazo, mas provoca um entusiasmo repentino alimentado pela ideia de recompensa.

Enfim, a educação empreendedora pode, aparentemente, “beneficiar” os alunos que apresentam tendências cognitiva e comportamental de ser empreendedores, assim como promover, em certa medida, habilidades operacionais para o mercado de trabalho. No entanto, nesse contexto, surgem determinações econômicas intrínsecas a esse processo, uma vez que somente aqueles que se adequarem às competências propostas pelo empreendedorismo e aprenderem os conceitos gerenciais e de liderança serão empreendedores, enquanto os demais subjugados serão responsabilizados por não terem sido “capazes” de atingir o sucesso. Isso é uma “autocensura” imposta no processo de escolarização, típica da ideologia neoliberal.

4. O que aprender a fazer com a educação empreendedora?

Com base nas análises, observa-se que o empreendedorismo consolida-se como uma modalidade de gestão empresarial “moldada” para o processo educacional, uma vez que suas ações estão orientadas em função da produtividade e da naturalização desse processo, de modo que a formação de sujeitos, as relações entre a teoria e a prática ocorram de uma forma consensual e a-histórica.

Em termos práticos, o empreendedorismo reproduz uma suposta orientação pedagógica: a educação empreendedora que propõe atividades capazes de favorecer a formação técnica dos sujeitos, condicionando o foco da aprendizagem em objetivos imediatistas e pragmáticos. Em termos didáticos e pedagógicos, foca-se em conceitos vinculados à gestão empresarial, sem considerar a historicidade e a transmissão dos conhecimentos científicos às novas gerações, tendo a prática imediata do processo educacional como ponto de partida e de chegada.

Fundamentada na educação empreendedora, a aprendizagem ocorre por meio de atividades práticas, com ênfase no *aprender a fazer*. Explora atividades de leitura e de escrita de modo que os alunos demonstrem suas habilidades, em alguma área voltada à gestão de negócios ou para alguma profissão. Nessa trajetória, os mais ativos, espertos, estratégicos, enfim, com “resultados positivos” se sobressairão aos demais e serão recompensados por suas habilidades cognitivas e comportamentais.

Na concepção das professoras, a prática de ensino da educação empreendedora é inovadora, participativa e dinâmica, na medida em que possibilita aos alunos um futuro esperançoso, trilhado por novos conteúdos que podem ser desenvolvidos de modo interdisciplinar aos componentes curriculares da educação regular, como Português, Matemática, Ciências, Geografia e História. Por outro lado, o compartilhamento das experiências dos educandos com seus familiares, a confecção de produtos nas atividades pedagógicas e a venda com preços simulados podem estimular a busca pelo lucro e o sentimento de rentabilidade no projeto de vida do educando, assim como uma previsão de onde podem ser investidos os recursos financeiros adquiridos nas trajetórias de vida dos discentes, conforme define a docente (D-IV): “*as atividades possibilitaram criar estratégias de aprendizagem no processo de ensino e estimular as habilidades financeiras e competências individuais*”.

O empenho das docentes (com apoio da gestão escolar) promoveu resultados significativos, especialmente a partir do 3º ano do Ensino Fundamental. No entanto, enquanto a educação empreendedora foca nas habilidades e nas competências dos educandos, destaca os

aspectos empíricos da prática e os conceitos estão direcionados para uma formação do comportamento empreendedor e a inserção sustentável no mercado de trabalho, a educação regular aponta para a aprendizagem contínua e para o caráter formativo dos conteúdos de ensino.

Em termos pedagógicos, a educação empreendedora foca em determinadas áreas de conhecimentos, diferente dos conteúdos regulares que abordam conceitos científicos e busca seu sentido cultural. Tais aspectos sugerem que há, no trabalho docente, uma naturalização do ensino de empreendedorismo, mediante a reprodução nos espaços públicos de uma prática educativa, em que a escolarização de sujeitos está centrada na aquisição de determinadas habilidades e competências para fortalecer o projeto de vida dos alunos, o que os torna dependentes da ideia de que podem livremente decidir sobre o próprio destino, sem considerarem criticamente que as atividades de aprendizagem por eles desenvolvidas configuram-se de forma articulada à questão empresarial e à formação profissional para a inserção no mercado de trabalho.

Logo, a educação empreendedora retoma conceitos da pedagogia tecnicista. Primeiro, porque articula o processo de ensino ao campo produtivo, seja à criação de empreendimentos, seja à formação para inserção no mercado de trabalho. Segundo, porque enfatiza que as atividades pedagógicas ocorram por meio da investigação empírica, fato que aproxima os sujeitos do seu campo de atuação social e alimenta, dessa forma, a crença de que a realidade (econômica) é o ponto de partida para o sucesso, a geração de renda ou a empregabilidade.

Considerações finais

Nesta investigação, o ensino de empreendedorismo estabelecido por meio das parcerias público-privadas apresenta-se como uma “tendência” baseada em modelos de gestão empresarial e adaptado para a educação. Os conteúdos de ensino estão articulados diretamente a relações econômicas, mercado de trabalho e à comercialização de produtos e serviços. A partir dessa síntese, é possível afirmar que o empreendedorismo é uma prática com requisitos imediatistas, é um lapso de ensino recheado de esperança que põe em segundo plano o processo multiformativo dos educandos.

No entanto, torna-se mister aprofundar a investigação acerca da materialidade dessa proposta, uma vez que a formação socioeducacional dos sujeitos está sendo estimulada por meio de uma prática oriunda de relações de mercado e de consumo, e, nesse sentido, as

configurações que norteiam essas experiências virão a se materializar, futuramente, nas relações de trabalho desses(as) educandos(as).

Em relação à educação empreendedora, observamos que esta constitui uma metodologia de ensino que põe em prática o empreendedorismo, estimulando os conhecimentos acerca da gestão de negócios e a aquisição de competências e habilidades específicas no processo de ensino-aprendizagem. Tal metodologia baseia-se nos conceitos do “aprender a fazer”, desenvolvido por Delors, pressupondo a aprendizagem de conteúdos orientados pelos princípios da recompensa, com estímulos à predisposição de capacidades cognitivas e comportamentais, também reproduzindo a lógica da ideologia neoliberal.

Por fim, vale salientar que, apesar de o ensino de empreendedorismo, na concepção das docentes, caracterizar-se como uma prática flexível que possibilita atividades pedagógicas de modo interdisciplinar com os demais componentes curriculares da educação regular, tal prática promove a naturalização desse ensino, o que implica a reprodução das atividades pedagógicas e do caráter mercantilista e financeiro que caracteriza a proposta de uma educação empreendedora, sem qualquer análise crítica acerca dessa educação no processo educativo.

Referências bibliográficas

CANTILLON, Richard. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Segesta, 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 2. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

DELORS, Jacques et al (Org.). **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DOLABELLA, Fernando. **Quero Construir a Minha História**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?**: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2003. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. 2. ed. Chapecó: Argos – Unochapecó, 2012.

GEM-BRASIL 2018. Global Entrepreneurship Monitor: **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo 2018. Curitiba: IBQP, 2018. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/44571/1551466386GEM_2018.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

GENTILI, Pablo. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARD, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Coleção educação contemporânea. 3. ed. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2005, p. 44-59.

LAVAL, Christian. **Escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: HUCITEC. 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Série Manuais Acadêmicos. Petrópolis: Vozes, 2016.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20**: taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Edição comemorativa. Coleção educação contemporânea. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAY, Jean Baptiste. **Tratado de Economia Política**. Prefácio de Georges Tapinos. Tradução de Balthazar Barbosa Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SILVA, Géssika Cecília Carvalho da. **Eu quero, eu posso? Implementação e efetividade de políticas públicas**: um estudo do Programa Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco. 2015. 212 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7803?locale=pt_BR. Acesso em: 15 out. 2023.

SEBRAE. **Programa Nacional da Educação Empreendedora** – PNEE, 2017. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/Programas/programa-nacional-da-educacao-empresadadora-pnee,2c7cd24a8321c510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SEBRAE. **Programa Nacional da Educação Empreendedora** – PNEE, 2022. Disponível em: <https://cer.sebrae.com.br/blog/programa-nacional-de-educacao-empresadadora/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **História da Análise Econômica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília-DF: Ministério da Ciência e Tecnologia-MCTIC, Ministério da Educação-MEC, 2000. Disponível

em: <https://www.governodigital.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

WOLF, Luciani. **A pedagogia vai ao porão:** a pedagogia empresarial e empreendedora e o processo de naturalização do social. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35797>. Acesso em: 15 out. 2023.

WEBER, Max. **Ciência e Política:** duas vocações. 4. ed. São Paulo: Universidade de Brasília, 1983.